



Mobilizando estereótipos de África com imagens para pensar a Geografia do/no cotidiano escolar

Ricardo Gabriel Luisi¹
João Pedro Silva Barbosa²
Larissa Corrêa Firmino³

No que baseamos nossas concepções sobre lugares que jamais visitamos? Qualquer um pode considerar isso com relativa preocupação, pois como pensamos os lugares implica pensar sobre as pessoas que vivem nele. A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2019) assevera que “o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos” (p. 26). Os estereótipos, por sua vez, são reducionismos que buscam enquadrar grupos de pessoas em nichos com elementos característicos pré-estabelecidos. Nesse sentido, este relato busca apresentar o desenvolvimento de uma proposta que utilizou imagens fotográficas para mobilizar o imaginário de um grupo de estudantes acerca do Continente Africano, visando desconstruir estereótipos negativos.

A prática que este relato de experiência irá expor, ocorreu no contexto do Programa de Residência Pedagógica - Subprojeto Geografia (POA⁴) da UFRGS⁵, coordenado pelas professoras Dra. Larissa Corrêa Firmino e Dra. Roselane Zordan Costella. O Colégio Estadual Paula Soares, localizado no Centro Histórico de Porto Alegre foi o espaço que nos acolheu como residentes e onde construímos nossas propostas pedagógicas. Durante uma reunião semanal, a professora preceptora titular da disciplina de Geografia, Shanna Bilhar, propôs ao grupo a realização de uma feira cultural, tendo o Continente Africano como temática de aprofundamento com o objetivo de combater discursos que estavam sendo reproduzidos por estudantes e alguns docentes que reforçavam visões reducionistas e estereótipos negativos em relação ao Continente Africano dentro da escola. A partir da proposta feita pela professora preceptora, nos debruçamos em pensar propostas pedagógicas para compor a feira que nomeamos de “Feira Africanamente”.

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e Residente do Subprojeto Geografia do Programa Residência Pedagógica da UFRGS, ricardo.07.luisi@gmail.com.

² Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e Residente do Subprojeto Geografia do Programa Residência Pedagógica da UFRGS, joao.pedrosb@hotmail.com.

³ Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e Docente Orientadora do Subprojeto Geografia do Programa Residência Pedagógica da UFRGS, larissa.firmino@ufrgs.br.

⁴ Porto Alegre

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Uma destas atividades que construímos coletivamente entre o grupo de residentes, baseou-se, inicialmente, na Lei 10.639/03, fruto das lutas do Movimento Negro Brasileiro, que estabelece a obrigatoriedade do ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira. De acordo com Santos (2011) as visões de mundo que a Geografia Escolar constrói sustenta as identidades raciais, uma vez que a ideia de raça se fundamenta em características se não atribuídas a uma ideia biológica, a uma ideia de origem histórico-geográfica e por isso torna-se “um conceito geográfico, uma noção que se assenta sobre leituras espaciais (Santos, 2011, p.11)”.

Tendo em vista o disposto, além de experiências desenvolvidas durante o curso de graduação em Licenciatura em Geografia, definimos em grupo que uma das propostas que seria desenvolvida utilizaria imagens, visto que muitas vezes são elas as responsáveis por paralisarem imaginários sobre pessoas e lugares (Firmino e Martins, 2017). Além disso, mobilizaríamos o conceito de Espaço Ausente (Costella, 2018) para complexificar o imaginário dos estudantes e desconstruir clichês atribuídos ao Continente Africano que embasam e sustentam estereótipos negativos e preconceitos.

Considerando o contexto de desenvolvimento da nossa prática, uma política pública voltada para a formação inicial de professores, o Programa de Residência Pedagógica, e a forma como o colégio nos colocou a problemática fruto de uma situação social daquele espaço escolar, a metodologia que nos guiou na construção desta prática, que será apresentada e que compôs a Feira Africanamente, foi a Pesquisa-Ação (Thiollent, 1986) uma vez que:

Com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico. Tal orientação contribuiria para os esclarecimentos das microssituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes (Thiollent, 1986, p.75)

Com a orientação da Pesquisa-Ação procuramos intervir conscientemente na situação pesquisada.

O relato da professora preceptora indicava o panorama geral presente na escola, que consistia em discursos reducionistas acerca do Continente Africano que eram proferidos pelos estudantes. Porém, em nosso planejamento, consideramos ser importante compreender melhor a visão dos estudantes sobre o Continente. Assim, na primeira atividade utilizamos um formulário digital, em que colocamos diversas imagens fotográficas com quatro alternativas de locais, constando nome da cidade e continente, disponíveis para associação por imagem. Foram categorizadas nove imagens fotográficas partindo do local de origem delas e dos elementos que estavam sendo apresentados. O objetivo desta primeira etapa era compreender

que tipo de elementos os estudantes atribuíam ao Continente Africano, amparados pela materialidade significativa das imagens.

Para realização desta atividade, foram criadas três categorias: Imagens que remetem a estereótipos do Continente Africano e que pertencem a ele de fato; Imagem que remetem a estereótipos do Continente Africano e que não pertencem a ele; Imagens que não remetem a estereótipos e que são do Continente Africano. Assim, pretendemos utilizar os elementos representados nas imagens para compreender qual tipo de elementos os estudantes atribuem ao território do Continente Africano e utilizar as atribuições percebidas para as discussões que seriam propostas na terceira atividade.

Partimos, então, para a segunda atividade proposta, o intuito era compreender quais elementos os estudantes vinculavam ao continente através de palavras. Nesse sentido, foi solicitado que o grupo fizesse uma livre associação⁶ e registrassem em *post-its* as três primeiras palavras que surgiam para eles quando ouviam “África”. Dividimos esta atividade em dois momentos: uma anterior a realização da Feira Africanamente e uma posterior, para assim registrar de onde partimos e constatar as possíveis alterações de percepção dos estudantes acerca do Continente Africano após a realização das atividades da feira.

Na terceira atividade, buscamos problematizar as associações que foram realizadas pelo grupo de estudantes na atividade 1, revelando os locais de origem de cada imagem buscando causar desequilíbrio “[...] momento em que o sujeito é posto à frente de uma questão que de alguma forma o perturba, sendo necessário empregar os seus esquemas para encontrar uma possível solução” (Costella, 2022, p.108).

Neste momento de exposição das imagens e dos locais, ao apresentarmos um continente Africano rico e uma Europa pobre, invertendo o conjunto de valores gerados pelos clichês. Buscamos pressionar e desacomodar os esquemas já estabelecidos pelos alunos, tendo em vista que “quando esses esquemas estão pressionados pela exigência de novos pensamentos e ações, outras significações são relacionadas assim, o conhecimento sobre o espaço se torna mais complexo e significativo” (Costella, 2018, p. 52).

Os resultados observados na primeira atividade demonstraram que na maioria dos casos, as imagens que traziam elementos relacionados à miséria, pobreza, animais exóticos, ambientes de clima árido foram atribuídas ao Continente Africano pelos estudantes. Da mesma maneira, os resultados obtidos na primeira parte da segunda atividade (*post-its*),

⁶ “Método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação) quer de forma espontânea.” (Laplache, 2001, p.38).

repetiram-se as mesmas relações sobre os elementos atribuídos em forma de palavras, novamente as associações realizadas pelos estudantes ligavam, majoritariamente, o Continente Africano a elementos como fome, pobreza, escassez, etc.

A problematização realizada na terceira atividade demonstrou-se bastante frutífera, uma vez que despertou um olhar crítico dos estudantes para o tipo de elementos que eles atribuem tanto ao Continente Africano como para outras paisagens que geralmente são representadas através de estereótipos positivos. Pretendemos com esta atividade desacomodar estruturas impostas que embasam visões pouco complexas sobre os lugares e as pessoas. Não buscamos com nossa prática que o resultado das nossas atividades nos levem a outras formas de reducionismos. Queremos que as práticas desenvolvidas levem os estudantes, não a deixar de considerar que no continente africano existe pobreza, mas que não existe apenas pobreza no continente africano.

Os deslocamentos obtidos na segunda etapa da atividade 2, demonstraram que após a realização da Feira Africanamente ocorreu uma alteração dos significados das palavras atribuídas pelos estudantes ao Continente Africano, uma vez que as palavras obtidas neste momento, remeteram a elementos relacionados à diversidade, ancestralidade, etc. Percebemos, também, que as palavras que associam o Continente Africano aos estereótipos negativos continuaram presentes, mas em menor número, e, ao nosso ver, isso não implicou em uma não alteração da percepção dos elementos que existem no continente uma vez que nossas atividades se preocuparam em diversificar os elementos que os estudantes associam ao território do Continente Africano. Além disso, nesta segunda coleta novos elementos se fizeram presentes nas associações feitas pelos estudantes ao mesmo passo que os elementos associados a estereótipos negativos tiveram uma redução na sua frequência. Afinal, existe pobreza na África, mas não só isso. O estereótipo, como nos ressalta Adichie (2019), é uma meia verdade.

A realização desta prática evidenciou a importância de estar sempre atento ao que a escola nos fala, além da potência presente em sala de aula que “com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades” (hooks, 2017. p. 273). Além disso, ressaltamos a importância do ensino de Geografia para complexificar visões de mundo que muitas vezes perpetuam preconceitos sobre pessoas e lugares. Ainda que não sejamos, e nem pretendemos ser, as únicas referências que compõem as visões de mundo dos estudantes, buscar construir em conjunto as suas ações reflexivas sobre o mundo em que habitam, a forma como o entendem e se entendem no mundo a partir do seu lugar a partir do ensino de

Geografia, instrumentalizado pelas imagens, se demonstrou um bom caminho para pensar e complexificar os Espaços Ausentes (Costella, 2018) dos estudantes do Colégio Paula Soares.

Palavras-chave: Geografia Escolar; Ensino de Geografia; Imagens; Espaço Ausente; Programa Residência Pedagógica.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES que possibilitou a realização desta e de outras experiências vivenciadas através do Programa de Residência Pedagógica.

Referências:

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

COSTELLA, R. Z. Espaços ausentes e não existentes na Geografia escolar. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A.; COSTELLA, R. Z. (org.) **Movimentos para ensinar Geografia – oscilações**. 1. Ed. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2018, p. 47 – 59.

FIRMINO, L. C.; MARTINS, R. E. M. W. Imagens Clichês e Livros Didáticos: reflexões para o Ensino de Geografia. In: TONINI, I. M. et al. **O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017, p.103 -112.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade** / bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2.ed.- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise** / Laplanche e Pontali; sob a direção de Daniel Lagache; Tradução Pedro Tamen. 4.ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, R. E. dos. A LEI 10.639 E O ENSINO DE GEOGRAFIA: CONSTRUINDO UMA AGENDA DE PESQUISA-AÇÃO. **Revista Tamoios**, [S.l.], v.7, n. 1, p. 04 - 24, set. 2011. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/1702>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.